

UNIVERSIDADE NOVA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

MESTRADO DE HISTÓRIA DA ARTE

OS OBJECTOS DE USO QUOTIDIANO ENTRE OS ROMANOS



Vitor Manuel Teixeira Manaças

1989

## INDICE

Introdução .....

Enquadramentos .....

Objectos .....

Conclusão .....

Bibliografia .....

Indice de fotografias .....

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema para este trabalho reflecte a ideia de que os objectos quotidianos, vestígios materiais importantes para o conhecimento do Homem nas diferentes épocas, são um valor cultural que nos possibilita compreender o percurso humano através dos tempos, perceber continuidades, rupturas, estabelecer analogias - criar uma dialéctica entre o passado e o presente.

Em relação à arquitectura romana, autores como Giedon(1) e Bruno Zevi(2) determinaram a sua importância e estabeleceram relações entre ela e a arquitectura moderna. Tal não acontece no campo das chamadas "artes menores", em que a bibliografia disponível não se debruça sobre os objectos de uso quotidiano da mesma forma, isto é, abordando-os numa perspectiva de relação com os objectos actuais.

Olhar os objectos produzidos no tempo dos romanos, perceber/sentir que muitos deles são o

---

(1) - S. Giedion, Arquitectura Fenomeno de Transición.

(2) - B. Zevi, Saber Ver a Arquitectura.

resultado de preocupações de carácter formal e funcional, subjacentes a outros de funções idênticas, mas actuais, são objectivos deste trabalho.

Objectivos que terão em conta, obviamente, não ter a produção romana de artefactos influenciado directamente a actual, mas sim que ela se integra num percurso que levou o homem, desde sempre, a procurar encontrar para os artefactos a melhor resposta. E que tanto do ponto de vista da sua eficiência (em função da tecnologia disponível) como do prazer de realizar esses mesmos artefactos, o Homem teve em conta valores estéticos que lhe transmitisse o prazer de os fruir.

## ENQUADRAMENTOS

Os objectos que analisamos neste trabalho produzem-se e utilizam-se num quotidiano que balizámos entre Augusto e o Alto Império.

O seu desenvolvimento está ligado à importância que Roma adquire ao tornar-se o primeiro centro que dirige toda a política e riqueza do Mediterrâneo, devido a factores geográficos privilegiados e a acontecimentos históricos, dos quais a fundação das colónias gregas do sul da Itália e o desenvolvimento da civilização Etrusca são factores essenciais.

A criação de grandes centros habitacionais permanentes, que vão integrar os antigos clãs familiares, devem ter provocado grandes transformações que se reflectiram na divisão do trabalho e na produção em massa de objectos, realizados agora, como diz Arnold Hauser por "... artífices independentes, que esculpem obras, pintam quadros e moldam vasos, tal como outros trabalham

machados na forja ou fazem sapatos.”(3)

Antecedentes que, devemos referir, têm a ver com um processo, não linear, de evolução e que se reflectem também, independentemente do seu desenvolvimento próprio, em Roma e no Império Romano.

Enquadrando a produção dos objectos quotidianos no movimento artístico romano, verificamos algumas relações com a evolução da arquitectura, e, noutro sentido, também com a escultura.

Em relação à primeira encontramos aspectos que nos permitem ilustrar a afirmação de “modernidade” que afirmamos terem alguns dos objectos quotidianos, fabricados no período abrangido por este trabalho.

Acompanhando as opiniões de Garcia y Bellido verificamos a importância que teve a arquitectura romana para o desenvolvimento da actual. Afirma Garcia y Bellido estar “a arquitectura grega mais próxima do dolmen, portanto da arquitectura pré-histórica, do que da arquitectura romana” acrescentando que “os quatro séculos que mediam entre o Partenon ateniense e o Tabularium romano

---

(3) - Arnold Hauser, A Arte e a Sociedade, pp.124-125

significam uma distância técnica muito maior que os vinte séculos que separam o mesmo Tabularium das nossas construções de betão armado e de ferro"(4). Afirmação idêntica à de Giedion que referindo-se à arquitectura privada da Roma Imperial diz ser esta o "prelúdio dos séc. XIX e XX, espécie de antecamara do nosso desenvolvimento actual".(5)

Outras razões existem, que definem a independência da arquitectura romana em relação à grega (6), todas elas passando, contudo, pelo grande desenvolvimento das indústrias da construção:

---

(4) - Garcia y Bellido, Arte Romano, pp. 4

(5) - Guedion, Arquitectura Fenomeno Transicion, pp. 221)

(6) - A pluriformidade do programa edilício romano que se opõe nitidamente ao tema unívoco da arquitectura grega, a sua escala monumental, a nova técnica construtiva dos arcos e das abóbodas que reduz colunas e arquitraves a motivos decorativos, o sentido dos grandes volumes nos reservatórios, nos túmulos, nos aquedutos, nos arcos, as potentes concepções espaciais das basilicas e das termas, uma consciência altamente cenográfica, uma fecundidade inventiva ..."

B.Zevi, Saber Ver a Arquitectura, pp.71

aparecimento de novos materiais como o betão 'opus caementicium'; a evolução tecnológica, como a substituição do ladrilho de adobe seco ao sol, pelo ladrilho cozido; a utilização (a partir do séc. I dC) da vidraça, etc..

Embora os artefactos de que falamos não estejam directamente ligados à arquitectura, alguns deles tem processos de fabrico idênticos, caso da cerâmica e de materiais de construção como por exemplo: o tijolo, a telha e o ladrilho.

Não são só os métodos de fabrico de alguns materiais que aproximam, em nosso entender a arquitectura e os objectos quotidianos. Se na arquitectura as propostas romanas são um ponto de partida que se repercute ainda no séc. XIX, demonstração da "modernidade" destas propostas, em alguns objectos a procura formal atingiu limites de perfeita identidade entre forma/função, o que nos permite afirmar que também nestes as propostas romanas determinam uma "modernidade" na estética dos objectos.

Algumas relações poderemos encontrar ainda, entre os estatutos do **objecto/design** e do **objecto arquitectónico**, nomeadamente a complementaridade que

o primeiro tem em relação ao segundo. Na verdade, (como diz Baudrillard) "é de facto na privacidade da casa |objecto arquitectónico| que se reúnem quase todos os objectos quotidianos".(7)

Nela "existem restos do passado (...)" consoante os níveis sociais, culturais e económicos |e as civilizações|, diversa é a natureza de todos os objectos; mas em todas as casas, incluindo a mais pobre, regista-se este processo de museificação dos objectos.(8)

Em relação à escultura o problema põe-se de maneira diferente, não só por razões da sua própria evolução como, também, pela maneira diferente como se relaciona com os objectos quotidianos.

A escultura romana não contém a mesma proposta inovadora que a arquitectura, estando a sua evolução fortemente ligada à influência da escultura grega, no entanto como afirma Pierre Grimal, "a estatuária augustana não é indigna do relevo. Com o advento do

---

(7) - Jean Baudrillard, Le Système des Objects, pp. 249

(8) - Cesar de Seta, Enciclopedia Einaudi, pp. 110

Império, a constituição da mística imperial traduz-se pela formação de uma arte que sabe exprimir simultaneamente a personalidade do príncipe e o carácter divino da sua missão...". Embora subsista a mesma vontade de idealizar os traços de uma eterna juventude, como o faziam já os escultores helenísticos "... os traços do rosto desenhando com precisão, o movimento dos cabelos e a expressão do olhar compõem um retrato verdadeiro."(9)

Mas é no baixo relevo narrativo que encontramos a influência da escultura nos objectos. No entanto ela concretiza-se, principalmente, nos objectos de carácter sumptuário do período de Augusto, nomeadamente nas baixelas de prata" de que o tesouro de "Boscoreale" é um exemplo, embora se transmita também, de uma forma mais atenuada, em alguma da 'terra sigillata'.

Por razões diferentes falámos da arquitectura e da escultura, a primeira, ligando o seu

---

(9) - Pierre Grimal A Civilização Romana, pp. 158

desenvolvimento à descoberta de novos materiais e ao aperfeiçoamento de outros que vão contribuir para novas propostas de espaço arquitectónico. A segunda, nos aspectos em que, libertando-se mais da influência helenística, vai influenciar, com a sua iconografia, artefactos de prata e de cerâmica.

## OBJECTOS

Nas últimas décadas assistimos a grandes modificações de carácter teórico e prático em relação aos objectos de design industrial, de diferentes tipologias. Uma ligadas a transformações do gosto, outras fruto do desenvolvimento tecnológico.

Não cabe aqui a análise destes problemas, embora nos pareça de referir a relação que existe entre eles e os limites a que foi levada a sociedade de consumo em que vivemos.

Focalizando o nosso olhar sobre os objectos, herdeiros na forma e na função, dos objectos que são os protagonistas desta nossa "história" - tentativa de estabelecer elos entre o passado e o presente - verificamos que muitas das formas dos objectos que hoje levamos ao lume, para cozinhar alimentos; que pomos na mesa, para os comer, são as mesmas que as utilizadas pelos romanos e povos que constituíam o seu Império.

Antes destes, outros povos utilizaram objectos semelhantes, o que nos leva a poder afirmar, para outros objectos, aquilo que Leroi-Gourhan diz para a faca: "Do pequeno gume irregular e inadequado, do 'Chopper' dos Australantropos, passa-se ao gume do pesado biface, e, posteriormente, ao do raspador. No início do Paleolítico superior, as finas lâminas cortantes substituem o raspador oval, vindo a faca a adquirir uma forma que não ofereceu alterações sensíveis até ao aparecimento do metal. Depois da Idade do bronze, passa a apresentar as proporções actuais, pois chegou ao termo da sua evolução funcional: lâmina de reverso fixada no prolongamento do cabo."(10)

Mas, se a análise dos objectos de uso corrente deixa entrever propriedades estéticas específicas directamente relacionadas com a sua função, os objectos possuem para além dessas, outras que os identificam com o gosto das diferentes épocas, embora em alguns deles as propriedades estéticas específicas

---

(10) - André Leroi-Gourhan, in o Gesto e a Palavra-  
- 2 Memórias e Ritmos, pp. 109

se mantenham.

Um dos aspectos que caracteriza a indústria romana e a aproxima da actual é a sua grande expansão apoiada em múltiplos centros de produção espalhados por todo o império.

Império que, como diz Émile Condurachi, "é essencialmente um Império de cidades ..." que os romanos vão erguer multiplicando "... através de todo o espaço mediterrânico edifícios que conferem uma identidade urbana ao 'habitat' - vias e praças públicas, termas e áreas sagradas, anfiteatros, bibliotecas e recintos ...".(11)

"Esta reestruturação - que, em boa parte, é uma estreia, já que, da Espanha aos Balcãs, passando pelas provincias renanas e danubianas nunca houvera uma verdadeira urbanização antes da urbanização romana - é seguramente acompanhada por uma série de fenómenos sociais capitais que conduzem rapidamente a formação das estruturas socioeconómicas propriamente

---

(11) - Émile Condurachi Roma berço da latinidade, pp.106

urbanas".(12)

Expansão, dizíamos, que traz consigo o desenvolvimento do comércio e do artesanato, pressupondo uma produção intensa que leva à tipificação dos produtos, à racionalização da produção e a encontrar respostas (com os materiais e as tecnologias disponíveis) que satisfaçam os diferentes extractos da população, tanto do ponto de vista da necessidade como do gosto.

Assim, vamos encontrar uma produção de objectos de prata e bronze, destinada a uma clientela extremamente rica, e os diferentes tipos de cerâmica: 'terra sigilatta', paredes finas e cerâmica comum, as quais vão satisfazer outros extractos da população. O mesmo acontecendo com os objectos de vidro entre os quais podemos verificar a existência de objectos de luxo e de uso comum.

Considera Garcia y Bellido que os objectos de prata da época de Augusto e em geral, os Júlio Claudianos como uma "arte tão industrializada como a

---

(12) - Emile Condurachi, Roma berço da latinidade, pp. 106

da cerâmica, do mosaico ou das peças ornamentais de gosto neoáttico. Em suma uma arte de copistas e imitadores".(13)

A palavra "industrializada" não tem aqui o mesmo sentido que quando a aplicamos aos objectos quotidianos de cerâmica e vidro. Garcia y Bellido refere objectos que tem um trabalho com uma forte componente artesanal, de técnica ligada à cinzelagem. Parece-nos, portanto (embora de dimensões diferentes) estarem mais próximos dos trabalhos das oficinas de escultura, onde se perpetuaram as grandes tradições nascidas na Ática e na Ásia, embora estas oficinas, numa perspectiva diferente, consubstanciarem a ideia de série que caracteriza a produção de muitas das famílias de objectos das chamadas "artes industriais

Não tendo a Antiguidade possuído uma indústria como a moderna encontramos, no entanto, grandes proprietários que, como o afirma Pierre Grimal, "procuravam um suplemento de rendimentos em

---

(13) - Garcia y Bellido, Arte Romano, pp. 239

indústrias anexas cujos materiais eram fornecidos pelo próprio domínio, como por exemplo, as pedreiras ou as rochas arenosas, os fornos de cal, tão necessários numa nação de construtores, os fornos de tijolo e de cerâmica".(14)

Fabricada na Itália do norte, em Arezzo, a partir do reinado de Augusto (o começo da sua fabricação data aproximadamente do ano 30 a.C.), a cerâmica arentina, mais conhecida por 'terra sigillata', expande-se por todo o mundo romano, da Inglaterra à Síria.

Localizados os seus principais centros de fabrico na Itália (Arezzo, Pisa, Pozzuoli, etc.) e com sucursais em vários pontos estratégicos da Gália, Lion por exemplo, estas eram equipadas com material e direcção italiana. Sucursais que posteriormente irão ganhar mercados na Renânia, Germânia, Bretanha, descendo inclusivé o Danúbio onde vão concorrer com os centros italianos.

---

(14) - Pierre Grimal, A Civilização Romana, pp. 173

Arezzo é ameaçado cada vez mais pelos centros de fabrico da Gália, Graufesenque e Lesoux, onde a cerâmica é " ... cada vez mais representativa de movimentos económicos de grande envergadura, e, mais ainda, testemunho fiel das relações de força entre a provincia e Roma".(15)

Em que consiste então, a identificação dos objectos de uso quotidiano romanos, neste caso, a 'terra sigillata', com os objectos actuais?

Na 'terra sigillata' vamos encontrar preocupações e respostas a vários problemas que de maneira similar se põem actualmente: problemas de produção - necessidade de dar resposta a um mercado cada vez maior; de distribuição - necessidade de chegar a regiões longe dos locais de fabrico; económicos - possibilidade de acesso a objectos de qualidade superior ao da cerâmica comum, a classes sociais economicamente mais débeis; de gosto -

---

(15) - Cristian Goudineau, in "La Céramique dans l'economie de la Gaule", pp. 104

necessidade de dar resposta às alterações, que na época de Augusto, o gosto sofreu.

É na resposta que os romanos souberam dar a cada um destes problemas, que vamos encontrar a identificação que aproxima alguns dos seus objectos dos da nossa época, mais do que de outras.

Muitos dos objectos fabricados na segunda metade do século XIX estão mais longe da compreensão dos novos problemas postos pela produção em série, (aos agora artistas/designers) do que estavam os artesãos romanos quando tentavam resolver os problemas que lhes eram postos, com as tecnologias disponíveis na sua época.

Se recordarmos as polémicas em torno dos objectos fabricados industrialmente, que tiveram lugar a partir de meados do século XIX, verificamos a importância de que se revestiu a passagem da produção artesanal para a produção industrial dos objectos de uso quotidiano. Importância que ultrapassou em muito o valor de uso dos objectos, radicando-se no seu valor estético.

Na verdade muitos deles, que então passaram a

ser fabricados em grandes séries, procuravam imitar formas e decorações de objectos fabricados em períodos anteriores, respondendo assim a solicitações de gosto de vastas camadas de consumidores.

Aqueles que como, Ruskin e Morris, condenavam a máquina, propondo um regresso ao artesanato e a formas e processos de fabrico medievais, não compreenderam que o problema não estava nela, mas para além das modificações políticas e económicas que então se processavam, na incompreensão de que a novos processos de fabricação teriam de corresponder valores estéticos outros, que não os dos objectos artesanais.

Momento de ruptura, provocado pelos novos processos de fabrico, que origina novas relações de forma/função e o aparecimento do design industrial, entendido como disciplina profissional.

No entanto um olhar atento aos objectos de uso quotidiano, que os Homens foram criando através do tempo, demonstra que a preocupação da relação entre a forma e a função constituiu, com maior ou menor incidência, uma sua preocupação constante desde o

momento em que o Homem afeiou uma pedra e com ela fabricou o primeiro objecto.

Do ponto de vista do gosto a cerâmica 'terra sigillata' decorada, caracteriza muito bem aquilo que podemos considerar a importância de um gosto dominante numa época: analisando a produção artística do período Augustano constatamos que ela é "a expressão apropriada do mundo oficial ao serviço do qual se encontrava, limitada como estava a essa sociedade e ao centro do poder político".(16)

Os objectos de ourivesaria, de que a baixela do tesouro de "Boscoreale" é um exemplo, reflectem esta afirmação de Bandinelli. Os seus relevos, obras-primas da ourivesaria, são transposições para a pequena dimensão dos objectos de mesa de uma iconografia de que a escultura vive, e se constrói à volta da figura do Imperador, inspirando-se frequentemente nos "tesouros das cortes de Pergamo, da Síria e da Alexandria".

---

(16) - Ranuccio Bianchi Bandinelli, Roma Centro del Poder, pp. 102

Peças de ourivesaria, destinadas a uma clientela de elevada condição social, que vão influenciar muitos dos modelos da 'terra sigillata'; situação muito evidente da transposição do gosto dominante para objectos de custo mais acessível.

Esta influência, no entanto, não traduz uma dependência total do original porque, por um lado a decoração da 'terra sigillata' vai evoluir à medida que se expande, e, por outro é constituída, também, por objectos sem decoração.

Não afirmamos, como Herbert Read, que encontramos em algumas tipologias dos objectos de uso comum romanos "fases do desenvolvimento do desenho industrial que nunca foram ultrapassadas no decorrer da história", (17) afirmações como esta pecam por pretenderem encontrar as origens históricas para o desenho industrial, em períodos anteriores à revolução industrial.

Para que um objecto se possa integrar nessa

---

(17) - Herbert Read, Arte y Industria, pp. 16

categoria é necessário que a sua produção seja feita através da máquina e por processos industriais. Diremos então que a criatividade está no projecto, isto é, na resolução dos problemas antes da fase de produção.

Tal não acontece em relação ao objecto romano, por exemplo, a fabricação de um vaso de 'terra sigillata' é feita por três operações principais: "a modelação do punção, a fabricação do molde e o fazer do próprio vaso", (18) o que significa uma economia de meios no processo de fabrico, fruto da procura de encontrar respostas a solicitações do mercado, mas não um processo de fabricações industrial.

Se o valor estético constitui uma das razões que nos faz olhar a 'terra sigillata' hoje, convém referir, no entanto, que esse valor estético não se encontra só nos seus motivos decorativos, na sua cor vermelha e no meio brilho da sua superfície mas também na sua forma.

---

(18) - Colette Bémont, in "Le decor des vases sigillés", pp. 74

Uma das qualidades que caracterizam os objectos romanos de uso comum (e não só a 'terra sigillata', como também o vidro e a cerâmica comum, por exemplo) é a preocupação de dar resposta a problemas muito concretos do quotidiano, criando objectos que respondam, tanto pela sua dimensão como pela sua forma, às necessidades para que foram pensados, aliando a esses requisitos de uso, por vezes, valores que correspondem ao gosto da época - caso da 'terra sigillata' decorada.

Relativamente ao vidro também podemos falar de aproximações formais e funcionais entre o Império Romano e a actualidade. Como na cerâmica a roda de oleiro, no vidro a cana de vidreiro, (19) prolongaram

---

(19) - Aste oca de metal que permite a acção do sopro do artesão desenvolvendo no centro da massa de vidro, colocada na outra extremidade, uma bolha de ar que cresce progressivamente, permitindo a fabricação de diversos utensílios ocios tais como: taças, copos e frascos, etc... O vidro soprado utilizou-se primeiramente pelo processo do molde fechado.

por muito tempo uma tecnologia que ainda hoje é utilizada, embora o desenvolvimento industrial tenha a partir do século XIX, introduzido processos mecânicos de produção, principalmente no vidro comum.

Nele vão os artesãos encontrar respostas às solicitações do mercado, tanto do ponto de vista económico como das solicitações do gosto. Desde objectos de luxo do vidro "talhado"(20) e "millefiore"(21), destinados às classes mais

---

(20) - Produção de alta qualidade, utilizando a sobreposição de duas camadas de vidro, permitindo, graças ao processo de gravura análogo ao utilizado pelos lapidadores, isolar um motivo figurativo (geralmente uma cena mitológica) em branco sobre fundo geralmente azul".Joseph Philippe, in Histoire et Art du Verre, pp.20

(21) - Técnicas vidreiras de luxo geralmente atribuídas aos centro romanos e alexandrinos são também as representadas pelos vidros "mosaiquês" ou "millefiore", esta última denominação foi criada pelos vidreiros venezianos da Renascença que redescobriram esta técnica de justaposição de pequenos elementos de vidro diversamente coloridos (Ob.cit., pp.20)

abastadas, até aos objectos de formas muito simples de larga produção e de custo muito baixo.

Elemento fundamental para o desenvolvimento da produção de objectos em vidro, foi a invenção do vidro soprado, técnica introduzida em Roma nos princípios da época Imperial. Difundida por todo o Império revolucionou a produção vidreira, criando-se importantes centros de fabricação na Gália, em Espanha, na Germânia e noutras províncias do Império. Tornam-se assim os objectos de vidro, a par dos de cerâmica e de metal, parte integrante do quotidiano no Império Romano.

Em todas as épocas o mesmo tipo de matéria prima concretiza-se em objectos, aparentemente, muito diferenciados mas por vezes de função idêntica.

Se olharmos alguma da 'terra sigillata' e a compararmos com objectos similares mas de cerâmica comum, verificamos que aqueles que estão formalmente mais próximos de épocas recentes, ou mesmo da actual, são os últimos. Enquanto nestes, aquilo que os separa dos actuais não são problemas de forma/função, mas tão só, diria, problemas ligados a uma evolução tecnológica, os primeiros para além da resposta que

têm que dar à função para que foram criados, estão ligados a compromissos do gosto dominante, dado os extractos sociais a que são destinados - isto pelo menos nos começos da sua fabricação.

Nos objectos de vidro esta situação parece-nos ainda mais evidente; aqueles objectos que as pessoas só utilizariam por razões de ordem económica são os que perduram, arriscariamos dizer, com muito poucas transformações até aos nossos dias.

## CONCLUSÃO

Roma, dominada durante muito tempo pela arte grega, à medida que se torna "o centro director de toda a política e riqueza do Mediterrâneo"(22) adquire formas de expressão artística próprias, nomeadamente no campo da arquitectura e das "artes menores"(23).

Ao tratarmos neste trabalho, alguns objectos quotidianos dos romanos, não foi nossa intenção estabelecer pontos de contacto em relação a métodos de fabrico, nem encontrar referências do design

---

(22) - Ranuccio Bianchi Bandinelli, Roma Centro del poder, pp. 341

(23) - Já em 1931 Herbert Read se manifestava contra a distinção entre "belas artes" e "artes aplicadas" considerando-a "uma distinção perniciosa", afirmando que a qualidade do belo "é inerente a toda a obra de arte, independentemente do seu fim utilitário, do seu tamanho ou da preciosidade do material de que é feito".

Herbert Read, O Significado da Arte pp. 31,32

industrial, em épocas anteriores à revolução industrial.

Procurámos, isso sim, estabelecer, no contexto das respectivas épocas, algumas identidades que têm muitas das tipologias dos objectos romanos e dos objectos industriais. Identidades que terão a ver com problemas ligados ao grande desenvolvimento da economia, no Império Romano, de que o comércio com as provincias é uma das razões.

Não é possível, do ponto de vista do processo de fabrico, a ligação entre o objecto romano e o actual, já o é, contudo, na relação forma/função que, em muitas situações foram preocupações do artesão romano, e de outros antes deles, e o são do designer contemporâneo.

Não queremos com isto dizer que, os objectos romanos constituam referências revivalistas, característica de muitos objectos produzidos actualmente, mas sim, memória de um percurso em que o Homem sempre procurou respostas inteligentes para resolver os problemas que o seu viver quotidiano lhe põe, buscando, desde sempre, a melhor forma para os seus artefactos.

E se o valor estético é factor inerente à forma útil, os objectos quotidianos não fogem, em algumas das suas tipologias, à influência do gosto dominante - sendo este que, irá marcar, em épocas futuras, os revivalismos de que falámos.

E se de design industrial não falámos, quando referimos objectos quotidianos do tempo dos romanos, falámos, concerteza, de design(24) porque: o "O design não é uma invenção dos nossos dias. A sua génese perde-se na história da própria invenção".(25)

---

(24) - DESIGN: do latim 'DESIGNARE'

DESIGNARE - marcar, notar, desenhar, designar, mostrar, ordenar, dispor, fazer, arranjar, aludir

(25) - Adilia Alarcão - "Função, design, objecto", in Catálogo da 2ª Exposição de Design Português, pp. 12

"La Era de Augusto fue, sin duda, decisiva en la historia del mundo. casi todas las raíces de lo que llamamos cultura occidental beben su savia en este breve período de medio siglo, al final del cual transcurre la primera infancia de cristo. Con Augusto comienza el Imperio Romano, una suma de glorias y de desdichas, de cimas y abismos, pero que, en junto, constituye el primer gran Imperio Universal organizado conocido en la historia del Hombre, sin cuya existencia sería imposible entender lo que fueron la Edad Media, el Renacimiento y la Edad Moderna, tanto en lo político como en lo cultural y tanto en lo económico como en lo jurídico. Aún vivimos en la estela dejada por sus grandes construcciones arquitectónicas e ingenieriles; aún respiramos en el ambiente de su derecho; aún viajamos por vías que fueron por ellos primeramente trazadas; aún hablamos una lengua hija de la que ellos nos enseñaron; aún nos dictan sus normas estéticas las obras de arte por ellos creadas y su literatura es siempre puerto seguro para épocas procelosas".

## INDICE DE FOTOGRAFIAS

- 1 - Cálice em cristal fumado. Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 290.
- 2 - Taça em vidro decorado de "cabochons" de cores. Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 285.
- 3 - Dolmen, c. 1500 a.C., Carnac, Bretanha, França. H.W.Janson, História da Arte, pp 31.
- 4 - Parthenon, 448-432 a.C.. H.W.Janson, História da Arte, pp 119.
- 5 - Tabularium, 78 a.C.. Sigfried Giedion, La Arquitectura Fenomeno de Transicion, pp 133.
- 6 - Planta do Tabularium. Sigfried Giedion, La Arquitectura Fenomeno de Transicion, pp 132.
- 7 - New State Gallery, Stuttgart, 1977-1982, entrada principal. in New Museum Building in the Federal Republic of Germany, pp 108.
- 8 - Bloco de cimento, Basílica de Constantino, Roma, 306-310 d.C. Sigfried Giedion, La Arquitectura Fenomeno de Transicion, pp 115.

- 9 - Ara Pacis, procissão com personagens da família Imperial (pormenor). Garcia y Bellido, Arte Romano, pp 207.
- 10 - Taça do tesouro de Boscareal, homenagem a Augusto (pormenor). Garcia y Bellido, Arte Romano, pp 233.
- 11 - Taça do tesouro de Boscareal, desfile triunfal do Imperador (pormenor). Garcia y Bellido, Arte Romano, pp 233.
- 12 - Ara Pacis (pormenor). Bernard Andreae, Arte Romano, pp 130
- 13 - Crátera, tesouro Ildesheim. Bernard ANdreae, Arte Romano, pp 38.
- 14 - Taça em terra sigillata. Jorge Alarcão, Portugal Romano, pp 262.
- 15 - Taça em terra sigillata. Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 284
- 16 - Cerâmica actual, Signe Person Melin. in O Desenho Industrial, pp 34
- 17 - Terrina, 1940, Kurt Ekholm. in Forma e Estrutura, pp 25.
- 18 - Conjunto de vasos metálicos. Portugal das Origens à Época Romana, pp 93

- 19 - Evolução da faca (evolução desde a idade da pedra).  
André Lervi-Gourhan, O Gesto e a Palavra - 2 Memórias e Ritmos, pp 110
- 20 - Faca, Tappio Werkkala. in O Desenho Industrial, pp 77
- 21 - Faca, Zani-Linia Design. in O Desenho Industrial, pp 31
- 22 - Taça, tesouro de Boscareal, desfile triunfal do Imperador (pormenor). Garcia y Bellido, Arte Romano, pp 233.
- 23 - Taça em terra sigillata, La Granfesenque Germanus.  
Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 282.
- 24 - Skyphos e copo de paredes finas (decorados). Jorge Alarcão,  
Portugal Romano, pp 262.
- 25 - Tipologias de formas de "paredes finas". Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga, pp 66
- 26 - Bilhas. Jeannette U.S. Nolen, Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo, pp 115, fig. 7.
- 27 - Prato e taças, Jeannette U.S. Nolen, Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo, pp 115, fig. 19.
- 28 - Taça em terra sigillata, sudgálica. in Portugal das Origens à Época Romana, pp 78.

- 29 - Taça em terra sigillata, La Granfesenque Germanus.  
Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 282.
- 30 - Taça em terra sigillata. in Portugal das Origens à Época Romana, pp 77
- 31 - Cerâmica sigillata, Lezoux. Gérard Coulon, Les Gallo-Romains Au Carrefour de deux Civilisations, pp 162.
- 32 - Carro-cisterna. Gérald Coulon, Les Gallo-Romains Au Carrefour de deux Civilisations, pp 196.
- 33 - Conjunto de vasilhas de série 1100, 1962, Heinz M. Engler, fábrica de porcelana Weiden. G. Selle, Contribución a la teoría del diseño industrial, pp 175.
- 34 - Vasilhas série TC 100, 1959, H. Roerich.  
Tomás Maldonado, Vanguardia y Racionalidad, pp 149.
- 35 - Jarrões, século XIX, fabricados por Wedgwood. Nikolaus Pevsner, Estudios sobre Arte, Arquitectura y Diseño, pp 282.
- 36 - Jarra de cerâmica para cerveja, século XIX, H.J.Townshend.  
Nikolaus Pevsner, Estudios sobre Arte, Arquitectura e Diseño, pp 307.
- 37 - Copos empilháveis, Saara Hopea, 1951. in Forma e Estrutura, pp 72.
- 38 - Machados. André Lervi-Gourhan. O Gesto e a Palavra-2 Memórias e Ritmos, pp 115.

- 39 - Jarro em forma de garrafa, decorado, Gerhard Marcks, 1922.  
Hans M. Wingler, La Bauhaus, pp 331.
- 40 - "Pithos" com duas asas, decorado, cerâmica ibérica. Luis Pericot. Céramique Ibérique, pp 331.
- 41 - Cerâmica arentina, molde e taça. Garcia y Bellido.  
Arte Romano, pp 250.
- 42 - Cerâmicas do Alto Império. Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga, pp 70.
- 43 - Cerâmicas e Vidros, Epiais-Rhus.  
in Les Dossiers Histoire et Archeologie, nº 76, pp 47.
- 44 - Taças de vidro características do Baixo Império, Epiais-Rhus.  
in Les Dossiers Histoire et Archeologie, nº 76, pp 52.
- 45 - Conjunto de garrafas e copos. Timo Scarpaneva, actual (século XX?) in Design from Scandinavia, pp 37.
- 46 - Vaso Portland. Ranuccio Bianchi Bandinelli, Roma Centro del Poder, pp 176.
- 47 - Taça e jarra, Epiais-Rhus.  
in Les Dossiers Histoire et Archeologie, nº 76, pp 54.
- 48 - Taça em cristal gravado (cheia de vinho).  
Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 285.
- 49 - Taça em cristal gravado (cheia de vinho).  
Jean-Jacques Hatt, Celtes et Gallo-Romains, pp 288.

- 50 - Vidros gallo-romanos, Epiiais-Rhus.  
in Les Dossiers Histoire et Archeologie, nº 76, pp 53.
- 51 - Garrafa e copo. Jean-Jacques Hatt,  
Celtes et Gallo-Romains, pp 286.
- 52 - Bilhas de vidro. Jean-Jacques Hatt,  
Celtes et Gallo-Romains, pp 286.
- 53 - Garrafa. Jean-Jacques Hatt,  
Celtes et Gallo-Romains, pp 291.
- 54 - Garrafa-jarra, actual.
- 55 - Urna cinerária em vidro. Jean-Jacques Hatt,  
Celtes et Gallo-Romains, pp 289.
- 56 - Conjunto de recipientes de cerâmica comum.  
in Portugal das Origens à Época Romana, pp 87.
- 57 - Garrafas. Jeannette U.S.Nolen,  
Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo, pp 114, fig.6.
- 58 - Garrafa. Jean-Jacques Hatt,  
Celtes et Gallo-Romains, pp 291.
- 59 - Cerâmicas do Alto Império.  
in Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga, pp 70.
- 60 - Cerâmica actual.

- 61 - Garrafa prismática, Epiasis-Rhus.  
in Les Dossiers de Histoire et Archeologie, nº 76, pp 55.
- 62 - Garrafas, Tappio Wirkkala, 1970.  
in Domus, nº 686.
- 63 - Copo de paredes finas. Jorge Alarcão, Portugal Romano,  
pp 263.
- 64 - Jarro para água, terracota, Otto Lindig, 1923.  
Hans M. Wingler, La Bauhaus, pp 330.
- 65 - Vaso ritual, argila.  
in Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga, pp 134.
- 66 - Cerâmicas actuais. in Mobilia, nº 287, pp 46.
- 67 - Botija, terracota, Johannes Driesch, 1922.  
Hans M. Wingler, La Bauhaus, pp 330.
- 68 - Terrina, alpaca, 1930.  
in Domus, nº 676, pp 64.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília - "Função/design/objecto". in 2ª Exposição de Design Português. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Industrial, 1973, pp. 12-13.
- ALARCÃO, Adília e Mário Varela Gomes - "Da proto-história aos alvares da idade média". in O Vidro em Portugal, Lisboa, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, 1989, pp. 15-23.
- ALARCÃO, Adília - "A actividade artesanal local e as importações". in Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga. Conimbriga, 1984, pp. 21-42.
- ALARCÃO, Adília - "O mobiliário, a baixela e a louça de cozinha". in Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga. Conimbriga, 1984, pp. 53-66.
- ALARCÃO, Jorge - Mais Algumas Pequenas Colecções de Vidros Romanos. Universidade de Coimbra, 1971.
- ALARCÃO, Jorge - Portugal Romano. Lisboa, Verbo, 1983  
(História Mundi)

ALARCÃO, Jorge - "Bouteilles carrées à fond décoré du Portugal romain" in  
Journal of Glass Studies, 1975.

ALARCÃO, Jorge - O Dominio Romano em Portugal, Lisboa, Europa América, 1988  
(Forum da História)

ANDREAE, Bernard - Arte Romano. Barcelona, Gustavo Gili, SA, 1974

ARIÈS, Philipe e outros - A Nova História. Lisboa, Edições 70, 1986.  
(Lugar da História)

BANDINELLI, Ranuccio Bianchi - Roma Centro del Poder. Madrid, Gallimard,  
1969.

BARROS, Carlos - "O vidro em Portugal do século XV ao século XIX". in O  
Vidro em Portugal, Lisboa, Associação Portuguesa de  
Arqueologia, 1989, pp. 40-47.

BELLIDO, António Garcia y - Arte Romano. Madrid, 1979

BÉMONT, Colette - "Le décor des vases sigillés". in Les Dossiers de  
l'archeologie, Dijon, set./out., 1974.

BENEVOLLO, Leonardo - Diseño de la Ciudad - 2 El arte y la ciudad antigua.  
Barcelona, Gustavo Gili, SA, 1982.

BROWN, David - "Pottery." in Roman Crafts, Londres, 1976, pp.75-91.

CARCOPINO, Jérôme - A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império. Lisboa,  
Livros do Brasil.

CHILDE, V. Gordon - Teorias da História. Lisboa, Portugália Editora, 1964.

COARELLI, Filippo - Roma. O Mediterrâneo - O Espaço e a História. Lisboa,  
Editorial Teorema, 1987, pp. 91-107.

CONDURACHI, Emile - Roma berço da nacionalidade. in A Civilização Latina:  
Dos Tempos Antigos ao Mundo Moderno. Lisboa,  
Publicações Don Quixote, 1989, pp. 83-115.

COULON, Gérald - Les Gallo Romains au Carrefour de Deux Civilisations.  
Paris, Armand Colin, 1985.

Dictionnaire de Archeologie - Racht, Gui, colaboração Louis Frédérique.  
Paris, Robert Laffon, 1983

Dictionnaire des Antiquités Grécque et Romaine - Daremberg, M.M.ch., EDM.  
d'après les textes et les Monuments, Achette, 1986.

DORFLES, Gillo - Oscilações do Gosto. Lisboa, Estudios Horizonte, 1974  
(Arte no tempo)

DUBY, Georges - A Herança. O Mediterrâneo - Os Homens e a Herança. Lisboa,  
Editorial Teorema, 1987, pp. 139-155.

DUHAMEL, Pascal - "Les fours de potiers". in Les Dossiers de l'Archeologie.  
Dijon, set.out, 1974, pp. 54-56.

Época Romana - in Portugal das Origens à Época Romana. Lisboa, Museu  
Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1989, pp. 65-95.  
(Adília Alarcão)

FAVORY, François - "Le monde des potiers gallo-romains". in Les Dossiers de  
l'Archeologie, Dijon, set./out., 1974. pp. 90-102.

GIEDION, Sigfried - La Arquitectura, Fenomeno de Transicion- Las tres  
edades del espacio en arquitectura. Barcelona, Gustavo  
Gili, SA, 1975.

GOUDINEAU, Christian - "La céramique dans l'économie de la Gaule". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 103-109.

GRIMAL, Pierre - A Civilização Romana. Lisboa, Edições 70, 1988  
(Lugar da História)

GRIMAL, Pierre - A Vida em Roma na Antiguidade, Portugal; Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1980  
(Biblioteca Universitária)

HATT, Jean-Jacques - "Terre sigillés et religion gauloise". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 76-84.

HÄUSER, ARNOLD - A Arte e a Sociedade. Lisboa, Editorial Presença, 1984.

HIGGINS, Reynold - "Terracottas". in Roman Crafts, Londres, 1976, pp. 105-109

JACOB, Jean-Paul e Henry Leredde - "Les vases a couverte métallescente". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 43-53.

- JANSON, H.W. - História da Arte. Panorama das Artes Plásticas e da  
Arquitectura da Pré-História à Actualidade. Lisboa, F.C.G.,  
1979
- LEROI, Gourhan - O Gesto e a Palavra 2 - Memória e Ritos. Lisboa,  
Edições 70, 1983.  
(Perspectivas do Homem)
- LUIS, Francisco Madeira e outros - "A produção manufactureira e industrial  
do vidro". in O Vidro em Portugal, Lisboa,  
Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial,  
1989, pp., 50-58.
- LUTZ, Marcel - "La céramique sigillée en Gaule". in Les Dossiers de  
l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 20-42.
- MARQUAT, Joachin - La Vie Privée des Romains. Paris, Ernest Thorin Éditeur,  
1892/1893, 2 volumes.
- MOSSÉ, Claude - Le Travail en Grece et rome. Paris, Press Universitaires de  
France, 1980.
- MUMFORD, Lewis - Arte e Técnica. Lisboa, Edições 70, 1980.  
(Arte e Comunicação)

NOLEN, Jeannette U. Smit - Cerâmica Comum de Necropoles do Alto Alentejo.  
Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1985.

OLEIRO, J.M. Bairrão - "Elementos para o estudo da terra sigilatta em Portugal. I-Marcas de oleiros encontradas no país".  
in Revista de Guimarães, Jan/Jun., 1951, pp. 81-111.

OLEIRO, J.M. Bairrão - "Terra sigilatta". in Congresso Arqueológico del Sudeste, 6º, 1950 - Crónica. Cartagena, 1951, pp. 225-229.

OLEIRO, J.M. Bairrão - "O estudo da terra sigilatta como auxiliar das investigações sobre a romanização do território português". in Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 13º, Lisboa, 1950 - 7ª Secção. Ciências Históricas e Filosóficas. Lisboa, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1953, pp. 315-332.

PEREIRA, Maria Helena da R. - Estudos de História da Cultura Clássica, II vol. Cultura Romana. Lisboa, F.C.G., 1984.

PÉRICHON, Robert - "La céramique gauloise avant la conquête". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 9-19.

- PERRIN, Michel - "Technique de la fabrication et de décoration de la céramique antique". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 110-132.
- PETIT, Paul - O Mundo Antigo. Lisboa, Ática, 1976.
- PICARD, Gilbert-Charles - L'Art Romain. P.U.F., 1962.
- PRICE, Jennifer - "Glass". in Roman Crafts, Londres, 1976, pp. 111-125
- READ, Herbert - Arte y Industria - Principios de Diseño Industrial. Buenos Aires, Ediciones Infinito, 1961.  
(Biblioteca de Diseño y Artes Visuales)
- RIVOSECCHI, Mário - Economia e Sociedade. in Civilização Latina - Dos Tempos Antigos ao Mundo Moderno, Lisboa, Publicações D. Quixote 1989, pp. 169-175.
- SELLE, G. - Ideología y Utopia del Diseño - Contribución a la teoría del diseño industrial. Barcelona, Gustavo Gili, SA, 1976
- SCHACK, Clementine - Art du Verre. Paris, Editions Princesse, 1966.

SHERLOCK, David - "Silver and silversmithing". in Roman Crafts, Londres, 1976, pp. 11-23.

THILL, Gerard e Eugénie Wilhelm - La Verrerie de l'Époque Romaine au Musée d'Histoire et d'Art. Luxembourg, 1969.

VERTET, Hugues - "Pauvre potiers, pauvre misère". in Les Dossiers de l'Archeologie, Dijon, Set/Out., 1974, pp. 85-89.

ZEVI, Bruno - Saber Ver a Arquitectura. Lisboa, Editora Arcádia, 1966  
(Biblioteca Arcádia de Bolso)